

Idéas, factos e documentos

A secção de cuja redacção me incumbi na *Seara Nova* constitui uma crónica regular e permanente do movimento científico, filosófico, ético, artístico e social.

Não se trata duma resenha simples, duma nota curta, duma cópia reduzida do que vai por êsse mundo fóra. Não é um sumário de revistas, nem um rol de factos e documentos. Isso seria trabalho cómodo, ocupação mecânica sem grande proveito, a meu ver.

O meu fim é outro, como é outro o método que seguirei.

O fim consiste para mim em procurar deprender das correntes espirituais que se anunciam, as idéas, os factos e os documentos que teem um valor nitidamente humano, superior a todos os interesses de momento. É realizar um trabalho de síntese, dar uma visão de conjunto.

O método será função dêsse espírito. Procederei dentro dêste quadro procurando abarcar um ciclo de problemas intimamente ligados entre si, em vez de espriar-me em cada número da revista sobre as mais variadas manifestações do pensamento e da acção humana. Neste caso, como em muitos outros, dizer muito seria dizer pouco.

Na prosecução do fim e na aplicação do método, conformar-nos-hemos a um rigoroso espírito científico, que é o espírito de reserva, de dúvida, de imparcialidade, de tolerância efectiva, de larga compreensão sem pretenciosa segurança na afirmação como na negação, inimigo de todo o sectarismo de escola ou de partido, de seita ou de classe, sejam quais forem e estejam onde estiverem, à direita como à esquerda.

O espírito científico, o verdadeiro, fundado na dúvida e no sentido critico, na observação e na experiência, submete a inteligência às realidades da vida, sabe ser modesto e reservado ante a grandeza dos problemas a resolver, porque não ignora a soma de tentativas, de hesitações, de pacientes e obstinados esforços, a complexidade dos caminhos que conduzem, não à verdade, mas a aquisições parciais de verdade e a verdades de pormenor.

A vida científica, artística, literária, filosófica, moral e social vai readquirindo gradualmente a sua posição e a sua influência.

A tormenta da guerra suspendeu o movimento das idéas, ou melhor dito, apenas suscitou e utilizou aquelas que tinham aplicação imediata na sua obra cruenta e destruidora.

Congressos, institutos científicos, revistas, livros, obras de pensamento, de arte e de acção, todo o trabalho intelectual foi sacrificado durante longos e obscuros anos.

O caos persiste; o espírito da guerra sopra ainda sobre o destino humano.

Onde estamos? Para onde caminhamos? É difícil dizê-lo. Profetas não faltam. Mas dentre as ruínas e a névoa que cobrem o mundo pouco ou nada se descortina ainda. Por quanto tempo mais? quem o sabe?

Não obstante é consolador o esforço que se faz para sair dêste estado indeciso e doloroso.

Carece o mundo de entrar numa vida melhor, mais justa, mais ampla e mais bela. Muitos assim o desejam, muitos

trabalham para isso. Os que vivem não querem perder a lição dos milhões de homens que morreram.

É um dos sinais dos tempos em que vivemos vêr o homem procurar utilizar a morte para a causa da vida. A morte adquiriu uma força de propulsão. Mas os mortos nos túmulos não teem significação para um homem contemporâneo. Se êles permanecem estendidos e inertes, acabaram para a vida. Mas se tomam parte na vida e ajudam os vivos a melhorá-la, então são mais do que exemplo longínquo, são acção persistente e fecunda.

Utilizar os mortos que sucumbiram é saber utilizar a catástrofe que os deitou a terra.

Num livro interessante, «Catastrophe and social change», Samuel Henry Prince estudou sob o ponto de vista sociológico os efeitos da catástrofe que teve lugar em Halifax, em Dezembro de 1817, quando um barco francês carregado de trinitroluol explodiu no pôrto, matando duas mil pessoas, ferindo seis mil, privando dez mil de alojamento e causando mais de 35 milhões de dolars de perdas materiais.

O papel das catástrofes é directo e indirecto. Sob o ponto de vista directo as catástrofes preparam o caminho a uma transformação social, minando a estrutura imóvel da sociedade, precipitando a plasticidade dos usos e modificando o meio de modo a favorecer a mutação. Sob o ponto de vista indirecto as catástrofes teem por efeito sacudir os caracteres e a moral, favorecer o factor imitação, estimular a actividade dos «leaders» e dos espectadores, socializar as instituições. Em suma, conclui Samuel Prince, as catástrofes são de natureza a criar o progresso, o progresso que resulta de esforços inteligentes e dum sacrificio verdadeiro.

Ora o que se observou na reconstituição de Halifax, aplica-se nas suas grandes linhas à reconstituição da Europa devastada materialmente e espiritualmente.

Antes de Samuel Prince já a escola psicoanalítica de Freud e seus discípulos o tinha notado em matéria de psicosevroses, constatando a existência não só de canalizações e derivações de instintos e tendências inferiores, mas de verdadeiras sublimações em valores mais altos.

Estamos a caminho de transformações profundas na estrutura e no dinamismo da vida social e moral, sacudidos até ao mais íntimo das suas entranhas. Onde encontrar o melhor caminho para essa transformação, onde buscar a direcção espiritual mais generosa e mais fecunda que acrescente indefinidamente o valor humano do individuo e da colectividade na conquista sempre renovada dum destino melhor?

Impõe-se uma revisão de todos os problemas humanos e das soluções com as quais se pretendia resolvê-los.

Importa fazer um sincero exame de consciência, analisar os ideais que nos teem guiado, determinar o seu valor. Precisamos saber se o caminho seguido até aqui não é um caminho errado e perigoso.

O estudo das idéas e factos que vão surgindo no mundo constitui, ninguém o porá em dúvida, um dos meios de poder apreender as aspirações e a marcha do espírito

humano, as suas esperanças e as suas decepções, a significação e o alcance das iniciativas que se vão realizando, o sentido e a força dos ideais que se vão elaborando.

Nesta hora humana de renovação convem estar à escuta e ao corrente de quanto se sente e se faz, de quanto se pensa

e se quer, de quanto desaba e se constroi. É preciso viver com as janelas abertas sobre a vida. E hoje, mais e melhor do que hontem, nada do que é humano nos deve ser indiferente.

FARIA DE VASCONCELOS.